



Universidade de Brasília

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET

LETRAS/TRADUÇÃO ESPANHOL

STÉFANY EVANGELISTA DE SOUSA GOMES

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE TRADUÇÃO SOBRE O PAPEL DA
TEORIA DA TRADUÇÃO: UM ESTUDO DE CASO

Brasília – DF

2018

STÉFANY EVANGELISTA DE SOUSA GOMES

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE TRADUÇÃO SOBRE O PAPEL DA
TEORIA DA TRADUÇÃO: UM ESTUDO DE CASO

Projeto Final do Curso de Tradução,
apresentado como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em Letras/Tradução
Espanhol pela Universidade de Brasília – UnB

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Alba Escalante Alvarez

Brasília – DF

2018

Folha de aprovação

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE TRADUÇÃO SOBRE O PAPEL DA
TEORIA DA TRADUÇÃO: UM ESTUDO DE CASO

Projeto Final do Curso de Tradução,
apresentado como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em Letras/Tradução
Espanhol pela Universidade de Brasília – UnB

Stéfany Evangelista de Sousa Gomes

Projeto Final aprovado em: ____/____/____

Prof^a. Dr^a. Alba Escalante Álvarez
(Orientadora – LET/UnB)

Prof^a. M.Sc. Magali de Lourdes Pedro
(LET/UnB)

Prof^a. Dr^a. Sandra María Pérez López
(LET/UnB)

Brasília – DF
2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores do curso, por nos proporcionar aprendizado através de seus conhecimentos e experiência; sem isso, este trabalho não seria possível.

Agradeço e dedico esse trabalho à orientadora e professora Dr^a Alba Escalante. Obrigada pela paciência e pelo aprendizado, não só nestes últimos dois semestres.

*O processo de tradução carrega
consigo a sombra da confusão
Campos (1986, p.08)*

RESUMO

Este trabalho apresenta algumas das crenças que acompanham tanto alunos quanto professores sobre a tradução e o seu ensino, e reflexões sobre o papel da teoria da tradução na graduação. Após o levantamento bibliográfico, propõe analisar percepções que alunos do curso de Tradução da Universidade de Brasília possuem sobre o ensino da teoria da tradução. Para alcançar esse objetivo, utilizamos como ferramenta um questionário, a fim de coletar dados para análise. Pretende-se, com este trabalho, levar o aprendiz a adquirir conscientização da relação teoria e prática na sua formação, e reflexionar sobre suas expectativas e crenças, auxiliando-o no processo tradutório.

Palavras-chave: teoria da tradução, estudos da tradução, crenças sobre tradução, ensino da teoria

RESUMEN

Este trabajo presenta algunas de las creencias que acompañan tanto a alumnos como a profesores sobre la traducción y su enseñanza y reflexiones sobre el papel de la teoría de la traducción en la graduación. Después de la investigación bibliográfica, propone analizar percepciones que poseen alumnos del curso de traducción de la Universidad de Brasilia, sobre la enseñanza de la teoría de la traducción. Para alcanzar este objetivo, utilizamos como herramienta un cuestionario destinado a recoger datos para su análisis. Se pretende, con este trabajo, llevar al aprendiz a adquirir concienciación de la relación teoría y práctica en su formación, reflexionar sobre sus expectativas y creencias, auxiliándolo en el proceso de traducción.

Palabras clave: teoría de la traducción; estudios de la traducción; creencias sobre traducción; enseñanza de la teoría

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Motivo da escolha do curso de Tradução.

Gráfico 2- É necessário para traduzir

Gráfico 3- Importante na formação do tradutor

Gráfico 4- Inclusão de disciplinas teóricas – motivo

Figura 1- Representação do mapa de Holmes (1972/1988).

Tabela 1 – Classificação de Mossop

SIGLAS

UnB – Universidade de Brasília

PUC – Rio - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	10
2.1. Os Estudos da Tradução	11
2.2. As crenças na graduação	12
2.3. Teoria da Tradução como disciplina.....	15
3. METODOLOGIA	19
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	28

1. INTRODUÇÃO

A tradução é considerada uma atividade milenar, por cuja complexidade, com o passar dos anos, foi percebida uma necessidade de aprimoramento do agente que a realiza, nascendo, assim, o curso de graduação em tradução. Nessas últimas décadas, a atividade foi crescendo e adquirindo novas ramificações, causando uma importância e visibilidade maior, fazendo com que crescesse como ciência, mas ainda em fase de transição e consolidação, e provocando certas indagações naqueles que a escolheram como profissão.

Essas indagações rodeiam principalmente os alunos de graduação, onde alguns possuem certo desconhecimento da profissão e do seu papel na sociedade. Optam pela tradução no vestibular, muitas vezes, por possuírem afinidade com línguas, ou por buscarem adquirir o conhecimento sobre elas e por não querer seguir carreira em uma licenciatura.

Como estudante, tive esses mesmos questionamentos e os mesmos motivos para ingressar na graduação em Tradução. De fato, tinha a ideia de que seria simplesmente aprimorar o idioma com o qual tinha contato, o espanhol, pois isso bastaria para realizar uma tradução. Questionei a pertinência de estudar teoria da tradução no curso, pois, na minha visão, não seria necessária. Assim, através desses próprios questionamentos e crenças, e com o final da graduação, pela necessidade de realizar o Trabalho Final de curso, decidi realizar essa pesquisa.

Diante do pensamento existente de que somente o conhecimento em idiomas seria suficiente para que se realizasse uma tradução, foi feito o questionamento em relação à necessidade de realização de um curso de graduação em Tradução e qual o papel do ensino de teorias na tradução. Assim, através de um levantamento bibliográfico e aplicação de questionários, este trabalho tem como objetivo geral contribuir para o ensino dos Estudos da Tradução e na reflexão sobre o ensino da teoria no curso de graduação em Tradução, notadamente nas relações teoria-prática. Como objetivos específicos, este estudo pretende, por um lado, fazer um levantamento bibliográfico sobre as relações teoria-prática na didática da tradução, e, por outro, analisar as concepções sobre a Teoria da Tradução de um grupo de alunos da disciplina de Teoria da Tradução 2 do curso de graduação em Tradução da Universidade de Brasília- UnB.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. Os Estudos da Tradução

A tradução se faz presente no mundo desde que existe comunicação e, com o tempo, assumiu outros papéis, além do intercâmbio de línguas.

Os tradutores tiveram participação fundamental na sociedade, auxiliando na resolução de questões tanto militares como comerciais, com o qual promoveram o enriquecimento da cultura e a integração. E hoje é utilizada para formar alianças entre países, proporcionar acesso à cultura e literatura, e, também, por meio dela recebemos grande parte das notícias internacionais, favorecendo o acesso a textos importantes, inclusive de propósitos acadêmicos.

As diferenças culturais existentes geram uma necessidade de aproximação entre os países e culturas, e, através de indagações e problematizações, docentes e pesquisadores perceberam a necessidade de uma formação mais qualificada dos tradutores, resultando na ascensão da tradução como área de estudo. Logo, nos últimos 40 anos, houve um crescimento significativo de reflexões e perspectivas envolvendo a prática tradutória, assim os Estudos da Tradução começaram a se estruturar.

James S. Holmes, tradutor e professor, foi o primeiro teórico a descrever os Estudos da Tradução, em sua obra de 1972, *The Name and the Nature of Translations Studies*, criando a disciplina como a conhecemos hoje. Ele a descreve como “estando relacionada a um complexo de problemas em torno do fenômeno de traduzir e das traduções”. Alguns pesquisadores propuseram chamá-la ‘ciência da tradução’ (Nida 1969, Wilss 1977/1982), outros ‘translatologia’ ou ‘tradutologia’, na França (Goffin 1971), mas a designação mais largamente utilizada hoje é a de Estudos da Tradução (*Translation Studies*). A princípio, os estudos que contemplavam essa disciplina estavam mais concentrados na tradução literária, mas atualmente abarcam pesquisas sobre tradução como um todo, desde interpretação oral, dublagem e legendagem, à pesquisa e desenvolvimento de teorias e questões como a formação de tradutores. Assim,

O termo ‘estudos da tradução’ deve ser entendido como uma designação coletiva e inclusiva para todas as atividades de pesquisa que tomam o fenômeno do traduzir e da tradução como base ou foco. (KOLLER, 1971)

Holmes propôs uma descrição dos Estudos da Tradução em duas áreas: pura e aplicada, que por sua vez geram novas subdivisões, com a observação de que todos os grupos e subgrupos são inter-relacionáveis. Como podemos ver abaixo:

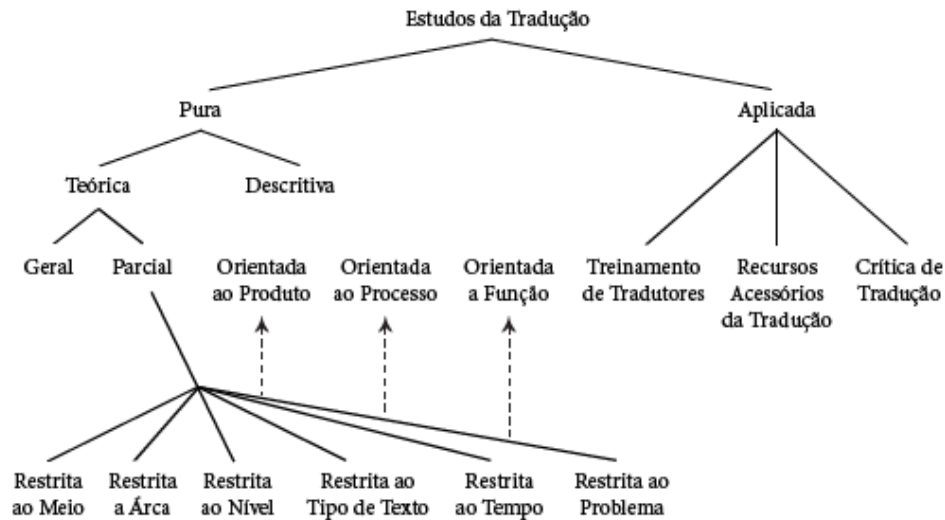


Figura 1. Mapa de Holmes (baseado em HOLMES, 1988)

Para este trabalho, não pretendo aprofundar nessa discussão, mas vale comentar pontualmente a importância de Holmes para a consolidação de um campo de estudos, para além da ideia da presença nele da aprendizagem de línguas.

2.2. As crenças na graduação

No contexto de institucionalização dos Estudos da Tradução, alguns estudiosos tentam apresentar as diversas configurações do campo no meio acadêmico. Sem pretender exaustividade, podemos mencionar que, em relação à implantação da teoria da tradução no âmbito da formação de tradutores, até a década de 1980 a disciplina de Teoria da Tradução não era implementada no currículo do curso de bacharel em Tradução no Brasil.

O curso de tradução teve início em 1968, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro-PUC-Rio e as disciplinas eram voltadas basicamente para a prática, visto que os Estudos da Tradução só se estabeleceram anos depois. As áreas que abrangiam a parte teórica, à época, incluíam estudos literários, filosofia, sociologia, antropologia, linguística aplicada e semiótica. Em 1985, seguindo os avanços nos Estudos da Tradução, foi incorporada na Universidade a disciplina de Teoria da Tradução através de uma reforma curricular. Alguns fatores foram fundamentais para essa mudança, como o fortalecimento dos Estudos da Tradução como disciplina acadêmica, o surgimento de cursos de especialização e pós-graduação na área, e o visível aumento na demanda por tradutores capacitados para atuar em

campos de conhecimento cada vez mais diversificados e especializados (DARIN, 2013; MARTINS, 2006).

Nos últimos anos, com a expansão tecnológica aumentando a demanda de trabalho, cresceu também a oferta de cursos de tradução, exigindo uma preparação maior nos cursos de graduação e pós-graduação. Os Estudos da tradução vêm acompanhando esse progresso e ao longo desses anos foram desenvolvidas teorias e metodologias que contribuíram para o seu crescimento como área do conhecimento, que ainda está em fase de amadurecimento e consolidação (PAGANO & VASCONCELLOS, 2006; MARTINS, 2006). Isso, juntamente com a ideia de praticidade do curso de Tradução, pode explicar, segundo alguns estudos, o porquê de a teoria apresentar um papel secundário na formação de tradutores.

O conflito da relação teoria e prática não é específico dos Estudos da tradução; é uma questão que passa por diferentes disciplinas, provocando debates acirrados. No caso da formação de tradutores, algumas pesquisas apresentam a ideia de que os estudantes resistem à teoria da tradução. Isso talvez se deva ao pensamento generalizado de que o ato de traduzir seja “passar de uma língua para outra”, e também ao fato de que a grande maioria dos ingressantes no curso pressupõe que irá aprender fórmulas ou que exista um manual de tradução. Assim, eles questionam a relevância da disciplina de Teoria da Tradução (RODRIGUES, 2012; STUPIELLO, 2006). Essa ideia parece estar atrelada à crença de que o domínio de uma língua estrangeira e o uso de um dicionário, já são suficientes para realizar traduções e que a graduação em tradução permitirá, apenas, um aperfeiçoamento no idioma.

Adriana Pagano (2000) apresenta reflexões sobre as crenças mais comuns no cenário do ensino e aprendizagem da Tradução. Essas crenças recolhem a percepção que os aprendizes têm sobre processo tradutório e como a sociedade avalia a profissão do tradutor. Ela apresenta cinco crenças:

1. A tradução é uma arte reservada a uns poucos que podem exercê-la graças a um dom especial.
2. A tradução é uma atividade prática que requer apenas um conhecimento de língua e um bom dicionário.
3. O tradutor deve ser falante bilíngue ou ter morado num país onde se fala a língua estrangeira com a qual trabalha.
4. Só se pode traduzir da língua estrangeira para a língua materna, uma vez que só dominamos esta última.
5. O tradutor é um traidor e toda tradução envolve certo grau de traição.

Em sua obra, a autora procura desmitificar essas crenças e apresenta de forma didática e explicativa, através de exemplos, que para o processo tradutório é necessário, além do conhecimento de língua, utilizar várias estratégias e, dependendo do tipo de texto, distintas habilidades, como uma pesquisa e reflexão que a teoria pode oferecer ao aprendiz.

Esqueda & Oliveira (2013) ainda acrescentam o pensamento, tanto de alunos quanto da sociedade, de que, devido aos avanços tecnológicos, os computadores poderão realizar o trabalho do tradutor.

Rodrigues (2004) esclarece que esse conflito entre teoria e prática se instala apenas quando persiste a ideia de que o tradutor não precisa de formação profissional, apenas um dom, ou de que a tradução apresenta uma técnica específica ou receita. Essas crenças apresentadas pelos estudantes chegam até as aulas de teoria. Pym (1993) discute que a dificuldade de se chegar a um consenso sobre questões que envolvam teoria e prática causam insegurança nos aprendizes. Esse comportamento revela um desconhecimento do ofício da tradução, que se origina de experiências e vivências sociais e individuais, e abre espaço a expectativas que podem influenciar no desempenho dos aprendizes (ESQUEDA & OLIVEIRA, 2013). Pagano (2000) afirma que as crenças podem influenciar no aprendizado, ditando como o aprendiz utiliza os recursos disponíveis e podendo levar a diferentes resultados.

Trazendo para o ensino da prática, segundo Arrojo (1992) essas expectativas podem gerar uma carga maior no professor dessas disciplinas, pois, no entendimento desses alunos, o professor possuiria todas as respostas e saberia como chegar à tradução perfeita.

Em uma pesquisa realizada por Milton (2000), ele destaca que esses questionamentos e inseguranças não devem ser desconsiderados em sala de aula, pois podem auxiliar no desenvolvimento da prática tradutória contribuindo para uma formação consciente.

É um discurso que, sem se darem conta, tanto professores quanto alunos endossam, uns quando consideram que a teoria tem lugar secundário na formação do aluno, outros quando esperam que ela forneça todo o instrumental “concreto” para seu trabalho. (RODRIGUES, 2004; p. 81-82)

Mas o que diferenciaria um tradutor de um falante nativo ou de um aprendiz de línguas? Em que uma graduação em tradução poderia contribuir no ofício da tradução? Possuir o conhecimento em outro idioma evidentemente seria um pré-requisito para se tornar um tradutor, mas será que isso é suficiente?

2.3. Teoria da Tradução como disciplina

As percepções relacionadas ao tradutor podem estar atreladas estreitamente ao que muitos pensam ser o papel da teoria: fornecer fórmulas para se chegar a uma tradução perfeita, pois, possuindo essa “dádiva”, ou essas “dicas”, não seria necessário o conhecimento que a graduação fornece. Certamente essas crenças sempre existiram no que tange ao ensino da tradução e, como vimos anteriormente, podem até auxiliar na aprendizagem. Rodrigues (2012, p. 48-49) cita o trabalho de Höster (1997), que indaga também sobre a necessidade do ensino da tradução nas universidades com questões como: “será que têm sentido cursos de Tradução no quadro institucional de universidades? Será que é possível ensinar a traduzir?”. Rodrigues, no entanto, vê outra questão: “será que a inserção da tradução no contexto universitário é legítima?”. A autora aponta que legitimidade não é contestada por pesquisadores da pós-graduação, mas aos quais causa estranhamento informar que a sua linha de pesquisa são os Estudos da Tradução.

Darin (2013), em uma análise dos objetivos dos programas das disciplinas de teoria dos cursos universitários de Tradução no Brasil, constatou que, já de início, existe uma diferença de nomenclatura das disciplinas, presumindo haver entendimentos distintos sobre a teoria, e que a carga horária despendida é bem menor se comparada às disciplinas práticas. Com esse levantamento, a autora pôde observar que ainda não está claro o que se espera das disciplinas de Teoria da Tradução. Gonçalves & Machado (2006) também verificaram que falta, na formação de tradutores, um consenso relacionado às habilidades e competências.

Em outro trabalho, esse realizado por Quental (1995) e citado por Rodrigues (2012), também é constatada uma desproporção em relação às disciplinas práticas, revelando o papel secundário que a teoria apresenta na formação de tradutores. Quental também revela que as disciplinas não aparecem interligadas, representando uma dicotomia. Em sua pesquisa, a autora identificou essa oposição, não só nos alunos, como também nos professores de práticas de tradução. Enquanto que a maioria dos alunos parecia não “ter a menor ideia dos objetivos e da relevância da teoria da tradução para sua formação” e pensar que a disciplina seria algo “estranho e misterioso”, os professores ressaltavam o lado “essencialmente prático da tradução e de relativizar o papel da teoria tanto no ensino quanto no exercício da profissão” (p.39).

Assim, enquanto a teoria levantaria “problemas que exigem profunda reflexão”, as aulas de tradução comentada envolveriam “problemas de caráter eminentemente prático que precisam ser resolvidos”, oposição que

poderia levar à conclusão extrema de que a prática não exige “profunda reflexão” e que os problemas teóricos não “precisam ser resolvidos”. (QUENTAL, 1995, p.39)

Em seu levantamento, Quental (1995) percebeu a ocorrência de outras crenças relacionadas à teoria da tradução:

- não existe uma teoria da tradução, que ainda precisa ser elaborada;
- já existe uma teoria da tradução, mas ela possui deficiências, precisando ainda ser aperfeiçoada;
- a teoria da tradução é abstrata, estéril e desnecessária para a prática do aluno;
- a teoria da tradução é complexa e atrapalha a prática do aluno, razão pela qual não deve ser incluída num curso de formação de tradutores;
- a teoria da tradução é complexa, sendo relativas suas contribuições para a prática, razão pela qual tem um papel secundário na formação de tradutores;
- a teoria da tradução é útil para a prática, funcionando como uma ferramenta para melhorar o desempenho tradutório do aluno;
- a teoria da tradução pode ser aplicada quando necessário, bem como dosada de acordo com as necessidades do aluno.

Essas assertivas pressupõem que a tradução pode funcionar sem uma teoria correspondente. Desse modo, se a teoria seria, nas palavras da autora, “problemática, insuficiente e, até mesmo inexistente”, como poderia torna-se satisfatória?

A teoria deveria fornecer uma explicação “científica” para a tradução, baseada num conhecimento tão profundo, preciso e universal que permitisse elucidar de uma vez por todas as operações mentais envolvidas no seu processo e, conseqüentemente, estabelecer critérios objetivos e definitivos — em outras palavras, “científicos” — para sua execução e avaliação.

Continuando com Quental, a autora cita Moskowitz e Aubert, que apresentam argumentos que relacionam a teoria como área de estudo somente no nível de pós-graduação, assim não sendo tão relevante o seu papel na formação de tradutores. E, coincidindo com Schäffner e Adab (2000), que apresentam que cada instituição pode priorizar teoria, prática ou ambas, como na Europa – em que algumas universidades focam mais no treinamento de tradutores e outras deixam a capacitação para a pós-graduação.

No contexto da didática, Mossop (1994, *apud* PAGANO & VASCONCELLOS, 2006, p. 2013) elabora uma classificação, na qual discute o que ele considera os três tipos básicos de cursos da tradução e categorizando-os segundo o conceito de teoria que adotam. Essa tabela se originou através de um levantamento feito por ele com participação de professores de universidades canadenses, e revela dificuldades no ensino da teoria.

Tabela 1: Classificação de MOSSOP

	TIPO 1: Métodos de traduzir	TIPO 2: Estudos da Tradução	TIPO 3: Conceitos de Tradutor
Audiência e Objetivos	Alunos de graduação Formar tradutores profissionais	Alunos de pós-graduação Formar pesquisadores e professores	Alunos de graduação Formar tradutores profissionais
Metas	Aprender procedimentos de tradução; Aprender algumas abordagens adequadas a diferentes tipos de texto; Aprender um leque de soluções disponíveis para categorias de problemas (ex.: metáforas, nomes próprios).	Familiarizar o aluno com os principais autores, periódicos e textos nas várias áreas dos Estudos da Tradução e disciplinas afins; Desenvolver a habilidade de avaliar leituras e identificar problemas para investigação; Aprender métodos de pesquisa	Questionar crenças sobre tradução, língua e comunicação; Refletir sobre o que tradutores fazem e desenvolver um auto-conceito; Aprender um conjunto de conceitos e termos para conversar e pensar sobre tradução.
Conceito de Teoria Teoria como:	Sistematização da prática; Estabelecimento de princípios para a seleção de melhores traduções.	Explicação de observações sistemáticas de processos mentais, tradução enquanto produto e funções da tradução; Construção de categorias para avaliação e crítica de tradução.	Especificação do papel do tradutor (passado e presente) na sociedade e no processo tradutório (teoria como "visão" ou "contemplação" do que tradutores fazem).
Pergunta(s) de Pesquisa típica(s)	Qual a melhor/mais correta maneira de traduzir este texto? Esta frase?	Quais são as maneiras possíveis de se transformar um texto?	Qual o meu papel, considerando-se todos os papéis que um tradutor tem?
Tarefas	Traduções; Outros exercícios	Redação de ensaios que demandem pesquisa / busca	Sumários analíticos de artigos;

	(como os citados nas obras abaixo)	bibliográfica e leitura extensiva; Sumários críticos de artigos e livros; Comentários críticos sobre traduções.	Comparações descritivas de traduções alternativas de um texto.
Leituras Recomendadas	Delisle 1980, 1988; Hervey & Higin 1992; Baker 1992; Hönig & Kausmaul 1982	Larose 1989; Chesterman 1989	Bassnett 1980 (chap. 2 & 3)

Fonte: PAGANO & VASCONCELLOS, 2006, p. 213

Como observamos na primeira coluna, “público alvo e objetivos”, relacionados ao TIPO 1 e TIPO 3, estão direcionados para os alunos de cursos de graduação, que têm como objetivo formar tradutores profissionais; já no TIPO, o objetivo seria formar professores e pesquisadores, onde percebemos que as “metas” enfatizam mais os estudos teóricos e que a preparação envolvida vai ao encontro do que se pensa ser o papel da teoria da tradução na graduação.

Desse modo, levando em conta a classificação de Mossop, que nos diz que o estudo da teoria está mais direcionado à pós-graduação, e citando novamente a questão de Quental – a saber, “o que a teoria deveria fornecer para ser satisfatória” –, questiono, então, qual seria o papel das disciplinas de Teoria da Tradução no desenvolvimento dos aprendizes de graduação.

Anthony Pym, em seu livro *Exploring Translation Theories* (2010), apresenta possíveis respostas para esses questionamentos, como:

conscientização sobre os princípios que regem o processo e produto da tradução, ampliação de perspectivas sob as quais examinar as práticas, aguçamento da percepção sobre problemas tradutórios, bem como sobre os possíveis critérios para tomadas de decisão

Ou seja, aquelas disciplinas podem oferecer ao aprendiz embasamentos, através de critérios, para suas estratégias e segurança para poder debater, caso necessário, sua escolha tradutória.

Pym (2012) define que há uma diferença entre “teoria” e “teorizar” (entendido como o ato de discutir teorias e ideias de qual melhor forma para traduzir). Formular opções e escolher a melhor é uma operação difícil e complexa para os tradutores, e é exatamente o que

fazem quase que de modo automático. Ao escolher opções e descartando outras, o tradutor constrói um pequeno teatro interior onde atua uma série de ideias sobre o que é a tradução e como se deve traduzir. Está, portanto, teorizando (*teatro* vem do grego *theā* – teorizar a solução significa atuar no teatro das ideias). E os tradutores o fazem continuamente, como parte da sua prática habitual. É uma atividade privada, íntima, secreta: os tradutores não têm o hábito de confessar suas dúvidas pessoais. Porém, a teorização não tem a mesma natureza que as teorias, que são públicas e declaradas.

Arrojo (2007) nos diz que conhecer as teorias e os estudos da tradução é imprescindível para o tradutor em seu trabalho e, acrescentando à discussão, a autora, em seu trabalho de 1993, expressa que a reflexão teórica auxilia os aprendizes a desenvolver habilidades críticas. Gonçalves e Machado (2006) também ressaltam a importância da teoria quando colocam que, sem o conhecimento de conceitos e abordagens, os alunos saberiam pouco ou nada para a produção de textos alvo.

Darin (1998) argumenta que a separação das disciplinas nos currículos das universidades demonstra que a prática e a teoria possuem papéis diferentes e que não se associam, constatando que “pensar e fazer são ações distintas e incomunicáveis” e que, nas aulas de prática, as discussões levantadas são relacionadas somente com um fazer estritamente prático, como por exemplo: qual tempo verbal utilizar, omissão ou não de um termo, ou inclusão de notas de rodapé para o leitor. Essas questões são tratadas como essencialmente práticas, como critérios tradutórios, mas que dependem da análise do tradutor como crítico/leitor/autor do texto, e não percebem que há uma teoria inclusa nessa metodologia, quase que natural, genuína.

Da leitura desses autores se depreende o caráter problemático da relação entre a teoria e a prática no que diz respeito ao ensino de tradução. No entanto, é inegável que se trata de elementos que não deveriam estar dissociados. Nesse sentido, essas ideias corroboram ao que argumento que parece prevalecer, o de que a teoria teria um papel secundário na formação de tradutores.

3. METODOLOGIA

De início foi realizado um levantamento bibliográfico por meio eletrônico, através de palavras-chave como: tradução, teorias da tradução, crenças, ensino da tradução e estudos da tradução. Após o levantamento, foi realizada a leitura e escolha dos textos com temas afins a esta pesquisa.

Para a sua realização, escolhemos elaborar um questionário, a fim de obter a opinião pessoal e espontânea dos alunos que participam dela. O questionário possuía cinco perguntas abertas.

As perguntas foram:

- Que motivos levaram você a escolher o Curso de Tradução?
- O que você acha necessário para traduzir?
- O que você acha mais importante na formação do tradutor?
- Você acha necessário incluir disciplinas teóricas no curso de Tradução?

Argumente.

- O que é para você Teoria da Tradução? Como você associaria teoria e prática?

As questões tiveram o objetivo de obter a opinião dos alunos participantes e a sua vivência no curso de Tradução, para estabelecer uma relação com aquilo que a literatura aponta.

O questionário foi aplicado durante uma aula da disciplina Teoria da Tradução 2, horário noturno, no segundo semestre de 2017, na Universidade de Brasília. A pesquisa contou com a participação de doze (12) alunos da disciplina acima. Os estudantes foram informados a respeito dos objetivos deste trabalho, tendo concordado em participar da pesquisa através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo que suas identidades foram resguardadas com o intuito de assegurar o sigilo e o caráter confidencial da pesquisa. Esse grupo de alunos foi escolhido por que teriam tido contato com as disciplinas de Teoria da Tradução.

Para a avaliação dos resultados, foi escolhido o método de estudo de caso, pois, segundo Yin (2005):

O uso desse procedimento é adequado quando se pretende investigar o como e o porquê de um conjunto de eventos contemporâneos e que permite o estudo de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real. Trata-se também de uma abordagem mista, ou seja, qualitativa e quantitativa, pois busca reunir respostas subjetivas e objetivas.

Para complementação da pesquisa, foi realizado levantamento de dados através de entrevista pessoal e em grupo. Os alunos responderam às mesmas perguntas do questionário e seus depoimentos forma registrados em arquivo de áudio.

As entrevistas individuais foram realizadas com quatro alunos, dois da disciplina Tradução de Textos Técnico-Científicos e dois alunos de Teoria da Tradução 2. As perguntas

foram lidas uma a uma e respondidas, com uma duração de cerca de cinco minutos. A escolha dos entrevistados foi feita aleatoriamente. Já a entrevista em grupo foi realizada com a turma de Teoria da Tradução 2. As perguntas foram lidas e, a seguir, os alunos responderam espontaneamente. Essa fase teve cerca de 30 minutos de duração.

Assim, a pesquisa visa a analisar percepções que estudantes do Curso de Bacharelado em Tradução da Universidade de Brasília têm sobre a importância do ensino da Teoria na formação de tradutores.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

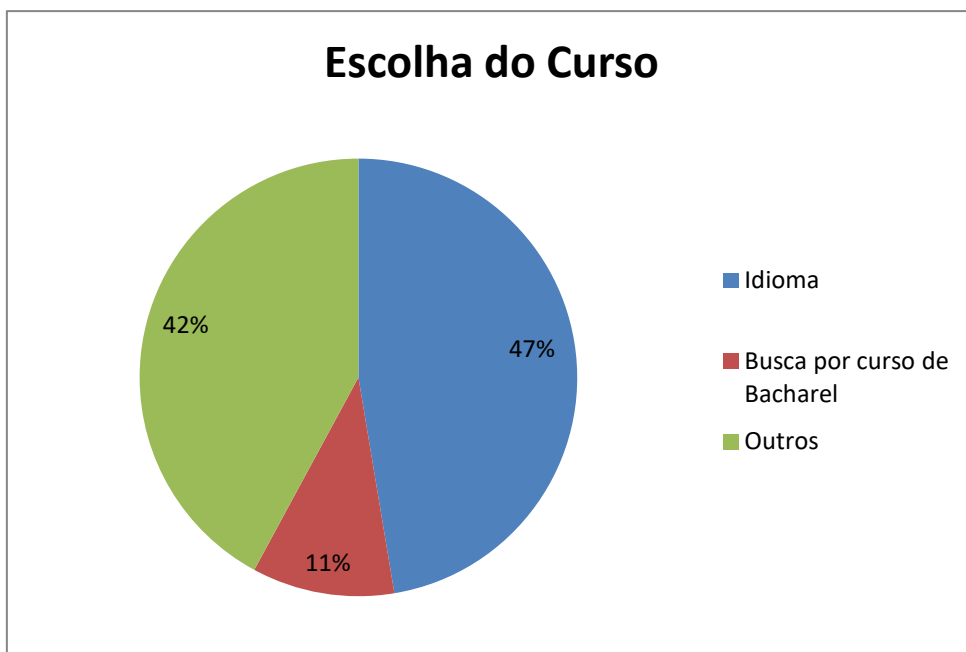
A coleta de dados através do questionário teve a participação de doze alunos, como dito acima, pois somente este quantitativo estava presente em sala, numa turma de aproximadamente vinte alunos, na hora da aplicação. Os questionários foram numerados de 1 até 12, para melhor controle da análise.

Para a análise dos questionários e das entrevistas individuais, já que as perguntas eram dissertativas, o critério utilizado no registro foi o da similitude das respostas; isto é, uma espécie de busca por palavras-chave, separando, assim, as respostas consoante as categorias que serviriam como critérios de análise. Com as entrevistas individuais, os quatro áudios com as respostas foram descritos, relatando o conteúdo de forma resumida e levando em conta pontos importantes neles encontrados. Os participantes foram nomeados como Aluno 1 a 4 e as perguntas, P.1 a P.5. Os dados obtidos nas entrevistas individuais foram incluídos nos gráficos apresentados como análise.

Com o uso da ferramenta Excel, foi realizada a contagem, para obtenção dos resultados. Já o Word permitiu o acesso à elaboração dos gráficos. Com esta ferramenta aberta, as categorias foram adicionadas em cada linha, de acordo com as palavras-chave presentes nas respostas dos questionários, e realizada a soma. A contagem foi realizada por ordem das perguntas e as porcentagens, dadas automaticamente pelo Excel. Vale ressaltar que muitos questionários possuíam mais de uma resposta para a mesma pergunta e estas também foram contabilizadas.

Assim, a partir das respostas, foram elaborados os seguintes gráficos:

Gráfico 1: Motivo de escolha do curso de Tradução-Espanhol



Fonte: própria

Nesse gráfico podemos observar que o maior percentual de respostas corresponde à busca pelo aprimoramento ou aprendizado do idioma. Assim, podemos inferir que esse é um dos motivos principais para o ingresso no curso de Tradução. Com as entrevistas individuais, podemos observar, através das respostas, que os alunos já tiveram contato anterior com o idioma e que isso influenciou em sua escolha. Também podemos observar que, dos quatro alunos entrevistados, dois realizaram pesquisa ou já possuíam contato anterior com a tradução; portanto, entraram no curso já com algum entendimento acerca do curso de Tradução.

Coincidindo com Milton (2000), ao iniciar o curso, os alunos parecem acreditar que ele permite, ou até visa ao aperfeiçoamento no idioma. Essa ideia não seria discutível, já que o aprimoramento nas línguas é uma consequência do estudo da tradução. No entanto, o que essas informações oferecem como dado se aproxima também da crença, registrada na bibliografia, de que a Tradução é, apenas, transpor de uma língua a outra, e que, para realizá-la, seria necessário só o conhecimento da língua estrangeira. Indo ao encontro com Milton (2000), Giacomini (2005) constatou que alunos ingressantes de um curso de Tradução, agora em uma universidade particular de São Paulo, esperam, através dele, aperfeiçoar o idioma, obter conhecimentos na língua materna e ter contato com culturas estrangeiras, e que apenas uma pequena porcentagem ingressa para se tornar tradutor/intérprete.

Na categoria “outros”, as respostas incluíam “afinidade com a área da linguagem”, “curiosidade”, “gosto por leitura”, “aplicação em projeto futuro” e “escolha secundária”, já que alguns participantes tinham como primeira opção no vestibular outro curso.

Como sistematização das respostas à pergunta 2, apresenta-se o gráfico seguinte:

Gráfico 2: O que é necessário para traduzir



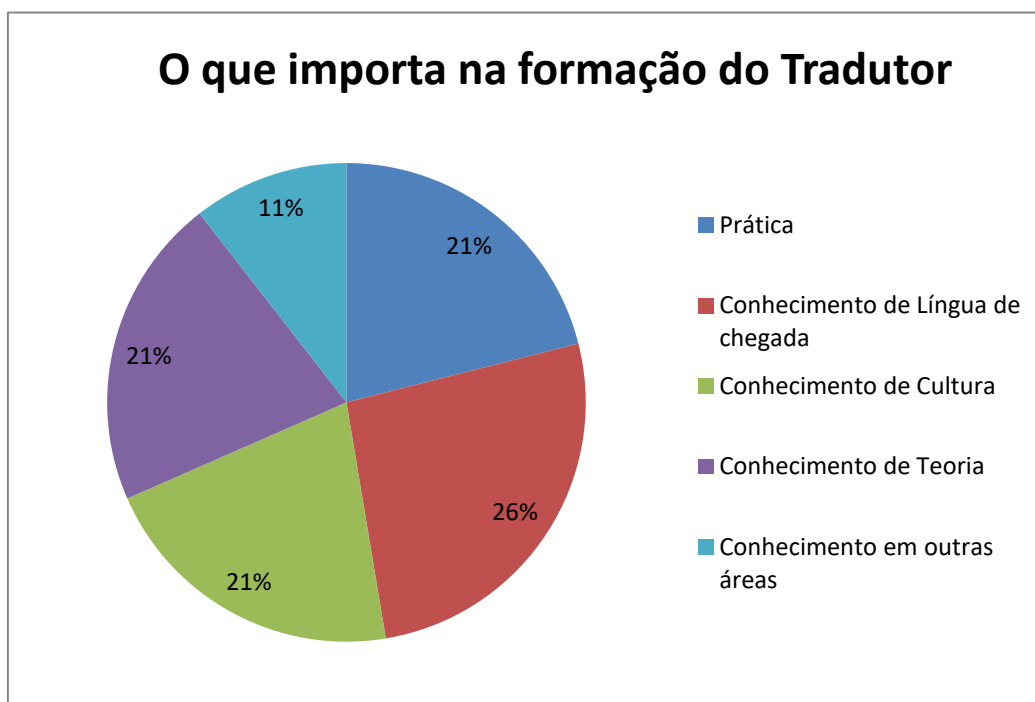
Fonte: própria

No gráfico 2 podemos ver que as respostas à questão 2 são bem distribuídas e que apresentam várias categorias. Isso se deve a que, nas respostas, os alunos apresentaram mais informações e pontos de vista, visto que, como dito anteriormente, nas questões houve mais de uma resposta. Assim, o conhecimento de uma das línguas, a estrangeira, apresenta o maior percentual, 23%; o conhecimento da língua materna recebeu 17% das menções; e a base teórica ficou com 15%, mesma percentagem que o conhecimento da cultura da língua de chegada, ambos em terceiro lugar. Prática e uso de ferramentas como mecanismos de busca ficaram em quarto lugar, com 12%. Já conhecimentos específicos, e gramática e interpretação, apareceram apenas em 3% das respostas.

Com as entrevistas individuais, houve menos respostas relacionadas ao conhecimento do idioma e mais destacando a importância da teoria, talvez pela ênfase dada à explicação dos objetivos do presente trabalho. Houve, também, uma resposta que não entrava nas categorias acima: o aluno informou que seria necessário, para traduzir, o gosto pela tradução e educação continuada; ou seja, ir além do que a graduação pode oferecer, pois, segundo ele, esse poderia ser o diferencial.

Passa-se agora a comentar a terceira questão, voltada para apresentar os fatores que cada participante entende serem essenciais na formação do tradutor. Os resultados obtidos são sistematizados no gráfico a seguir:

Gráfico 3: Importante na formação do tradutor



Fonte: própria

Nesse gráfico, podemos observar que os valores das respostas ficaram mais próximos. Conhecimento de língua de chegada apresentou 26%; prática, conhecimento do contexto cultural, e conhecimento teoria receberam 21%; e, com menor porcentagem, aparece conhecimento em outras áreas, como direito ou medicina, com 11%.

Em três questionários não foi possível estabelecer um padrão de respostas. Em dois deles, foram mencionados “conhecimento”, “o ensino do como fazer”; já o terceiro ficou sem

resposta. Nas entrevistas individuais, foram encontradas respostas que não coincidiram com as categorias de análise, como “habilidade de comunicação” e “professores competentes”.

A respeito dos gráficos 2 e 3, podemos interpretá-los, ainda, como associados à atribuição de valor concedida pelos participantes à prática e à teoria, respectivamente, na tradução. No primeiro deles, o conhecimento da língua, tanto materna quanto estrangeira, é priorizado; mas, em seguida, diferentemente do que se esperava através do levantamento bibliográfico, os alunos declaram possuir a consciência da importância da teoria da tradução no seu aprendizado na graduação. No segundo gráfico, relacionado com a formação do tradutor – ou seja, na graduação, onde o aprendiz teria mais contato com as teorias –, a prática e o conhecimento de teoria ficam empatados. De novo, diferentemente do que foi apresentado pela bibliografia, a teoria, nesse contexto, parece não se manifestar como secundária na concepção dos participantes acerca da formação de tradutores. Na pesquisa realizada por Quental (1995), foi observado que os alunos não tinham consciência da relevância da teoria na sua formação; porém, vale ressaltar o ano da publicação do trabalho, pois, ao longo dos anos transcorridos desde então, houve mudanças no entendimento da tradução como curso superior e de sua importância na sociedade.

Os resultados à quarta questão em foco aparecem no gráfico abaixo:

Gráfico 4: Motivo para inclusão de disciplinas teóricas



Fonte: própria

Nesse gráfico podemos ver variações nas repostas. No tópico “outro” estão incluídas as respostas em que não houve padrão específico a considerar, como: “conhecer sobre a história da tradução e de autores”, “cada tradutor tem sua forma de traduzir”, “base do desenvolvimento do estudo”, “a tradução como ciência se desenvolve por meio de debate teórico”. A categoria “auxílio na prática” apresentou 22%, seguido da categoria “justificar escolhas”, com 21%, e “curso de graduação”, com 14%. Nessa categoria, os alunos justificaram a necessidade da disciplina por ser um curso de graduação, de nível universitário, assim, sendo necessária para o tradutor em formação.

A partir das respostas recebidas a essa pergunta, decidi acrescentar outra questão às entrevistas individuais, que seria: “as disciplinas teóricas que o curso de graduação em tradução oferece são suficientes?”. Trata-se, a saber, de “Introdução à Tradução”, “Teoria da Tradução 1” e “Teoria da Tradução 2”, além de disciplinas oriundas do currículo de licenciatura, como Civilização Espanhola e Civilização Hispano-americana. Todos os alunos responderam que sim, as disciplinas teóricas são necessárias, e, sobre a outra questão, disseram que são suficientes, embora, como os Estudos da Tradução são muito abrangentes, não haveria tempo hábil na graduação para estudá-los profundamente.

Em relação à última questão – “O que é para você Teoria da Tradução? Como você associaria teoria e prática?” –, as respostas foram muito diversas, fator pelo qual não foi possível estabelecer padrões. No que se refere ao primeiro questionamento, as respostas foram pessoais, levando em conta as experiências e vivências de cada aluno, mas tenderam a variar entre “história da tradução”, “conhecimento de autores”, “conjunto de ideias e pensamentos oriundos de problemas no campo da tradução” e “pensar sobre a problemática da tradução”. Já no segundo, os alunos associaram teoria e prática como um auxílio e modo de justificar escolhas de tradução, onde a teoria contribui com embasamentos, prepara o aprendiz para lidar com os possíveis problemas no texto a ser traduzido e o auxilia a refletir sobre a prática. Essas respostas coincidem com o trabalho de Rodrigues (2012, p. 19), em que, nas suas aulas, alunos responderam sobre suas expectativas a respeito da disciplina de Teoria da Tradução. As respostas incluíam:

- fornecer regras de como a tradução deve ser feita;
- dar instruções sobre como proceder e como resolver problemas;
- esclarecer dúvidas;

- dizer o que a tradução realmente é e como deve ser feita;
- informar qual é o verdadeiro papel do tradutor.

Conforme a autora, nessas respostas está implícita a ideia de que, para se traduzir, bastaria uma boa técnica e bons dicionários, colocando o tradutor numa posição de um “mero aplicador de regras” e justificando, implicitamente, sua baixa remuneração.

É um discurso que, sem se darem conta, os alunos endossam, quando esperam que a teoria da tradução forneça uma técnica de aplicação fácil e imediata em seu trabalho. Com isso, o que se perde é que o papel da teoria é estabelecer relações, é produzir um corpo de reflexões que permitam estabelecer os contornos de seu objeto. (RODRIGUES, 2012)

Em relação à entrevista em grupo, a decisão de realizá-la se deu em parte com um viés de confirmação das respostas dos questionários, a fim de se obterem mais dados, mas, como o instrumento da coleta foi distinto, decidiu-se que esses dados não seriam somados aos gráficos. Assim, através de uma espécie de debate, pôde-se observar que parte do que os alunos pensam é uma ideia prévia, um conceito de tradução que exclui a teoria.

Nesse debate, foi questionada a ideia que os alunos têm da teoria no ensino da tradução, sobre as crenças que cercam os aprendizes. Foi percebido que alguns alunos, quando optaram pela graduação em Tradução, tinham a ideia de aprender ou aprimorar o idioma, mas que durante a graduação, essa percepção vai se perdendo, derrubando-se essa crença inicial. As respostas são semelhantes às encontradas nos questionários, na questão “o que é necessário para traduzir?”, onde as respostas foram “conhecimento de língua”, “teoria” e “conhecimento específico”. No caso da “formação do tradutor”, o consenso foi “prática”, “conhecimento de língua”, “cultura” e “em outras áreas”. A partir da quarta pergunta, houve menor participação dos estudantes, mas os que cooperaram acham necessária a teoria no curso e que ela ajudaria na resolução de questões, pois “ajudou a ter uma noção maior sobre o ofício da tradução”.

Após leitura das respostas, podemos dizer que o pensamento dos alunos parece semelhante ao encontrado na bibliografia, como a crença de que o curso proporcionará o aprimoramento do idioma, que os conhecimentos de línguas e culturas são essenciais para a realização de uma tradução e que essas mesmas são necessárias também na formação do estudante de Tradução. Talvez essa crença de que o curso de Tradução irá promover o aprimoramento do idioma venha da utilização da tradução como estratégia de aprendizagem no ensino de língua estrangeira. No entanto, independentemente as origem dessas concepções,

a tradução ainda é muito estigmatizada, pois existe e persiste o mito de que basta o conhecimento de um determinado idioma para se estar apto à atividade de tradução.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, questionou-se sobre o ensino de teoria no curso de graduação em Tradução e a sua relevância na formação de tradutores. Primeiro, realizou-se um levantamento bibliográfico de textos relacionados ao ensino da tradução, teoria da tradução, Estudos da Tradução e crenças. A seguir, aplicaram-se questionários a alunos de Tradução, a fim de comparação entre o que a bibliografia apresenta e o que é praticado nesse coletivo. Os questionários possuíam cinco perguntas abertas, relacionadas com as percepções dos estudantes sobre seus motivos para escolha do curso, a importância da teoria, a formação do tradutor e a prática da tradução. As respostas se assemelham ao encontrado na revisão bibliográfica, mas ao mesmo tempo, revelam que os estudantes estão mais conscientes da sua formação e futura profissão do que se poderia inferir a partir dela.

Os aprendizes esperam que a Teoria da Tradução lhes ofereça uma “fórmula” para desempenhar uma ótima tradução, mas isso é um pensamento ingênuo, visto que ela somente pode ser alcançada através do estudo e a reflexão sobre a prática. Através da reflexão teórica, é possível desenvolver estratégias para cada processo tradutório. Os alunos tendem a separar a teoria da prática, sem saber que, quando decidem optar ou não por uma estratégia de tradução, estão teorizando sobre a prática. Podemos dizer, então, que os alunos ingressam com uma ideia equivocada sobre a tradução e com expectativas errôneas do que o curso irá lhes proporcionar, e que essas crenças são passíveis de (re)elaboração quando confrontadas com processos de formação como os que oferece o contexto de um curso de graduação na área.

REFERÊNCIAS

- ARROJO, R. **Oficina de Tradução: Teoria na prática**, 5ª Ed. São Paulo. Ed. Ática, 2007.
- ARROJO, R.. **Desconstrução, psicanálise e o ensino de tradução**. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 133-148

AUBERT, Francis Henrik. A pesquisa no ensino da tradução. In: **ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES**, 3, 1987, Porto Alegre. O ensino da tradução: Anais do... Porto Alegre, UFRGS, 1989.

DARIN, L. C. M., O Ensino da Tradução em Nível Universitário: Indagações e Propostas. In: **Cadernos de Tradução**, v.01. n. 03, 1998

DARIN, L.C.M., O ensino da teoria da tradução para graduandos: um campo aberto à pesquisa. In: **Tradução e Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores**, 2013, n. 27, p. 9-20.

ESQUEDA, M. D.; OLIVEIRA, K. I.; Crenças e concepções do tradutor em formação. In: **Tradução em Revista** 14, 2013/1, p. 137-164.

GIACOMINI, K. **Competência linguístico-comunicativa e competência tradutória: expectativas futuras na formação de tradutores**. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tradução) – Universidade do Sagrado Coração, Bauru.

GONÇALVES, J.L.V.R.; MACHADO, I.T.N., Um panorama do ensino de tradução e a busca da competência do tradutor. In: **Cadernos de Tradução**, v.1, n.17, p. 45-69, Florianópolis, 2006.

HOLMES, J. S. *The Name and Nature of Translation Studies*. 1988.

HÖRSTER, M. A. F., A cadeira de tradução alemão-português I (língua comum): apontamentos didáticos. In: **Revista TRADTERM**, v. 4, n. 1, p. 47-68, 1997.

MARTINS, M.A.P., Novos desafios na formação de tradutores. In: **Cadernos de Tradução**, v.1, n.17, p. 25-44, Florianópolis, 2006.

MILTON, J. Para ser tradutor ou para melhorar a língua? Por que estudantes brasileiros escolhem cursos de tradução? In: **Revista TRADTERM**, v. 6, p. 83-105, 2000.

MOSSOP, B. Goals and methods for a course in Translation Theory. In: SNELLHORNBY, M. PÖCHHACKER, F., KAINDL, K. (Org.). **Translation Studies: an interdisciplinary**. Amsterdam/Phi: John Benjamins, 1994.

PAGANO, A. **Traduzir com autonomia**: estratégias para o tradutor em formação. São Paulo: Editora Contexto, 2000. p. 9-28.

PAGANO, A., VASCONCELLOS, M. L., “Formando” futuros pesquisadores: palavras-chave e afiliações teóricas no campo disciplinar Estudos da Tradução. In: **Cadernos de tradução**, v. 01. n. 17, 129- 139, 2006

PYM, A.; Teorias contemporâneas de la Traducción. Materiales para un curso universitário. In: **Intercultural Studies Group**. Tarragona, Espanha, 2012.

QUENTAL, R. F. A dicotomia tradicional teoria/prática no ensino da tradução. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 26: 37-48, jan./jun., Campinas, 1995.

RODRIGUES, C.C., Desafios ao Ensino da Tradução. In: **Abeache**, ano 2, v. 3, p. 13-24, 2012.

RODRIGUES, C.C.; O ensino da tradução: entre a possibilidade e a necessidade. In: **Anais dos Estudos Linguísticos XXXIII**, p. 79-83, 2004.

STUPIELLO, E. N. de A. O ideal e o real no ensino universitário da tradução. In: **Cadernos de tradução**, v. 01. n. 17, 129- 139, 2006.

VASCONCELLOS, M. L.; BARTHOLAMEI JUNIOR, L. A. **Estudos da tradução I**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 212 p.